



## ESTÍMULO À LEITURA E À CIDADANIA EM LOCAIS DE ESPERA DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS NO MUNICÍPIO DE QUINZE DE NOVEMBRO-RS

MALDANER, Nilva Lopes<sup>1</sup>; BRUTTI, Tiago Anderson<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto sugere a importância da leitura para o exercício da cidadania, bem como apresenta um relato acerca do desenvolvimento do projeto “Asas para voar”, instituído no Município de Quinze de Novembro, Estado do Rio Grande do Sul. O hábito da leitura constitui, por suposto, um longo processo iniciado na infância e mantido durante a vida adulta. A leitura favorece, por assim dizer, a própria organização da mente, aguçando a sensibilidade e o espírito. Entre outros enunciados expostos ao longo do texto, merecem destaque os que seguem: a apropriação de informações e a construção de novos conhecimentos estão intimamente ligadas à leitura; o uso social da leitura pode acontecer em diferentes lugares, não se limitando aos espaços tradicionais, por exemplo, da escola ou dos asilos invioláveis de cada indivíduo.

Palavras-chave: hábito; leitura; conhecimentos; informação.

### Abstract

This suggests the importance of reading for citizenship, and presents an account of the development of the "Wings to Fly" project, established in the Municipality of Quinze de Novembro, Rio Grande do Sul. Habit of reading is, of course, a long process that started in childhood and maintained throughout adulthood. Reading favors, so to speak, the very organization of the mind, sharpening the sensitivity and spirit. Among other statements exposed throughout the text, the following are noteworthy: the appropriation of information and the construction of new knowledge are closely linked to reading; the social use of reading can happen in different places, not limited to traditional areas, such as school or inviolable asylums of each individual.

Keywords: habit; reading; knowledge; information.

### Introdução

A invenção da escrita foi sucedida por conflitos relacionados com o acesso dos indivíduos e dos povos à leitura e à arte de escrever. Em outros termos, a história da educação destaca como um dos pontos de sua pauta as dificuldades de acessibilidade às tecnologias coletivas da leitura e da escrita. Subsistem, ainda hoje, tais dificuldades para se difundir essas aprendizagens práticas. A acessibilidade à cultura escrita pode ter sido popularizada pelas novas tecnologias de telecomunicação, mas nem por isso a falta de acesso a livros e a não

<sup>1</sup> Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social na Universidade de Cruz Alta. Contato: nilvamaldaner@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação nas Ciências/Filosofia; professor do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado, da Universidade de Cruz Alta. Contato: tbrutti@unicruz.edu.br.



presença do hábito da leitura e da escrita de textos dignos de ser lidos deixaram de caracterizar a sociedade brasileira.

O projeto “Asas para voar”, desenvolvido no Município de Quinze de Novembro, tem por objetivo incentivar a leitura nos momentos livres nos quais os cidadãos esperam em locais públicos e privados - por exemplo: em postos de saúde, bancos, setor de obras, hospital, correios etc. - para serem atendidos. São disponibilizadas revisteiras em locais públicos e privados, cada qual com variados livros, isso para que as pessoas da comunidade possam aproveitar o tempo livre para lerem, ou levar para suas casas os livros escolhidos.

Participam do projeto “Asas para voar” a Prefeitura Municipal, o Departamento de Educação e Desporto, a cooperativa de crédito rural Sicredi, através do programa “União faz a vida”, outras instituições públicas e privadas do Município, bem como a comunidade em geral. As atividades são desenvolvidas diariamente nas referidas instituições, nelas tendo sido disponibilizados diversos livros em revisteiras.

O Município de Quinze de Novembro originou-se como povoado em meados de 1914. A emancipação política ocorreu em 8 de dezembro de 1987, quando a Lei Estadual nº 8.454 criou oficialmente o Município, o qual está situado na Mesorregião Fronteira, Microrregião Triticultura de Cruz Alta e Região Colonial do Alto Jacuí do Estado do Rio Grande do Sul.

A população, entre os anos 2000 e 2010, apresentou uma taxa média de crescimento anual de 0,20%. Nas últimas duas décadas, a taxa de urbanização cresceu 54,86%. A população total, em 2010, era de 3.653 habitantes, dentre os quais 1.799 eram homens e 1.854 mulheres; 985 eram menores de 15 anos; 2.191 estavam entre 15 e 64 anos de idade; e 477 estavam acima dos 65 anos de idade. A população urbana era de 1.961 indivíduos e a população rural de 1.692. A área total do Município é de 223,60 quilômetros quadrados, dos quais 15 quilômetros quadrados são zona urbana e 208,6 quilômetros quadrados zona rural.

No que respeita à participação dos indivíduos na sociedade, os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) enfatizam que o caráter social da vida humana pode ser equiparado a um processo que expressa vários sentidos no âmbito de cada cultura:

As relações entre as pessoas são mediadas pelas instituições em que elas convivem, pelas classes e categorias a que pertencem e pelos interesses e poderes que nelas circulam. É por essa razão que, mais do que falar numa natureza humana, como um universal abstrato, vale referir-se á condição humana, forma concreta de existência dos seres humanos na cultura e na história. As vivências particulares cruzam-se na construção coletiva das sociedades e culturas, e umas e outras ganham sua configuração específica em função das condições particulares dos seres humanos e dos ambientes - físico- biológicos e histórico-econômico-políticos - nos quais estes vivem (PCN, 1998, p. 54).



Propõe-se, com o projeto “Asas para voar”, incentivar a aquisição do gosto pela leitura e uma aproximação dessa atividade com a ideia de uma viagem, aqui entendida como possibilidade de interação que leva os leitores a experimentar o que conhecem pela via da linguagem e da imaginação.

### **A leitura na formação da cidadania**

Em nossas circunstâncias, formar leitores não é tarefa fácil. Por um lado, é preciso que a família e a escola cooperem para consolidar esse propósito. O interesse pela leitura deve ser estimulado desde a infância, no âmbito da família e da escola. Como se sabe, está previsto na Lei 8.069/1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), entre outros direitos, o direito à cultura. Infelizmente, muitas famílias e escolas tem falhado com esta obrigação legal. Por outro lado, é preciso que a leitura seja adequada à idade, que seja envolvente, isso para que desperte a magia, a curiosidade e o prazer por ler.

O hábito da leitura pode ser mais improvável quando não instigado na infância. O que se observa em muitas escolas é o descaso com relação à formação de leitores. Cabe aos pais e professores despertar esse hábito, buscando os meios e as formas de intensificá-lo:

[...] geralmente, a leitura do leitor maduro é mais abrangente do que a do imaturo  
[...] Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida (LAJOLO, 1985, p. 53).

O professor, por essa via, deve agir como um desafiador; ensinar o aluno não só a ler, mas a escrever suas ideias e pensamentos<sup>3</sup>. Piaget (1970), sugere ser na adolescência que o ser humano tenta dominar os elementos que lhe faltam para a razão adulta. É nesse sentido que se defende, neste relato, a leitura como atividade decisiva para se manter uma vida adulta normal e prazerosa, bem como para se conviver com as diferenças, uma vez que a leitura pode transformar o indivíduo, tornando suas possibilidades de escolha, por assim dizer, mais racionais e potencialmente emancipatórias.

Uma das funções da leitura, na infância, é formar na criança um adulto capaz de conviver normalmente. Desde a infância se aprende a fazer escolhas. A literatura poderá apresentar ao leitor uma variedade maior de argumentos. Inicialmente, a criança é ouvinte; é

---



perceptível o prazer que sente ao ouvir uma pequena história, como se dela participasse. Quando aprende a ler, a criança já poderá procurar por conta própria o texto que mais lhe agrada. Na primeira fase, destaca-se o papel dos pais como responsáveis por este futuro leitor.

Não é razoável que se valorize mais a gramática do que ao pensamento do aluno. Pode-se escrever uma história fantástica e se obter uma nota baixíssima pela quantidade de erros de português. O professor deve ser sensível às potencialidades literárias de cada aluno. Não que a correção gramatical não seja importante, mas também é essencial estimular a criatividade<sup>4</sup>.

É possível que, se os pais utilizarem uma vasta literatura para apoiar o crescimento cultural e a instituição de seus filhos como cidadãos, que não seja útil para estes últimos frequentar consultórios psiquiátricos e clínicas para adictos em drogas, entre tantas outras desgraças que podem acometer uma família e sociedade. Um simples gesto transformador, que é o de contar histórias, de mostrar o caminho da literatura, pode transformar uma criança num leitor. A leitura é equiparável a um remédio, destinado a uma sociedade “doente”, tal como é aquela em que vivemos: um remédio sem contra indicações, que deve ser oferecido à criança com prazer e dedicação, pois a literatura é decisiva para o desenvolvimento social de uma comunidade.

Considera-se urgente uma nova proposta de ensino de literatura nas escolas, fragilizando-se de vez o sistema arcaico de leituras impostas. Descobrir o que o aluno quer ler é fundamental, pois cada leitor é único em suas experiências. É na literatura que tudo é permitido. A criança se comporta como uma esponja: ela absorverá aquilo que apresentarmos a ela. Um modo de demonstrar amor por um filho é estimular que ele seja um leitor.

O conceito de leitura enquanto prática social vai muito além da simples decodificação da linguagem verbal escrita, pois nele está inserida a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido, cabe afirmar que esse tipo de leitura sempre será precedido de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido. A leitura como prática social é um meio que poderá conduzir o leitor a resolver um problema prático, responder a um objetivo concreto ou a uma necessidade pessoal.

Pensar em leitura enquanto prática social pressupõe pensar nas múltiplas relações que o sujeito-leitor exerce na interação com o universo sociocultural a sua volta; é pensar em um leitor apto a usar a leitura como fonte de informação e disseminação de cultura. Ler significa

---

<sup>4</sup> Um bom exemplo de valorização é a obra de Ziraldo “Uma professora muito maluquinha”.



ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

Para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita. Faz-se necessário que, além de alfabetizado, ele seja, também, letrado.

Passa-se a enfrentar, segundo Soares (1999), uma nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever: é preciso, também, fazer uso do ler e do escrever, para saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente. Daí surge o termo letramento, ressignificando a ideia principal que se tinha do saber ler e escrever, buscando definir um novo padrão de usuário da língua que se mostre apto a atender às demandas da sociedade contemporânea. Quando afirmamos que um indivíduo, além de alfabetizado, precisa ser letrado, estamos incorporando a ele valores que definem a maneira que esse indivíduo interage com a complexidade linguística e cultural do mundo a sua volta. Dessa forma ele passará de um mero decodificador da língua escrita a um usuário ativo da mesma.

Em nossa sociedade, os conteúdos informacionais circulam quase exclusivamente através dos meios escritos, através da internet, da televisão, dos “outdoors” com informes publicitários, dos jornais, das revistas, dos panfletos, dos catálogos e de muitos outros veículos de comunicação. Dessa maneira, o processo de apropriação da informação e da construção de novos conhecimentos se configura como um processo ativo que está intimamente ligado à leitura.

O uso social da leitura é algo contextualizado que acontece em diferentes espaços e não obedece a nenhuma regra específica e nem a um padrão sociolinguístico pré-definido. Quando estamos em um ponto de ônibus a esperar o transporte que irá nos conduzir a um determinado lugar e conseguimos ler e compreender o itinerário do coletivo que se aproxima, estamos, mesmo que inconscientemente, fazendo o uso social da língua; quando lemos a bula de um medicamento a fim de verificar se sua indicação coincide com a prescrição feita pelo nosso médico, estamos fazendo o uso social da língua; quando procuramos uma vaga de emprego nos anúncios classificados de um jornal, ou até mesmo quando verificamos se o nome de um amigo consta na lista de aprovados do vestibular, estamos fazendo o uso social



da língua. Por essa via, a leitura enquanto prática social adquire um caráter dinâmico que se incorpora de uma forma natural às atividades cotidianas dos indivíduos.

Segundo Kleiman (1998), ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados. Por isso, podemos afirmar que a leitura enquanto prática social é algo bastante complexo que está intimamente ligado às nossas raízes socioculturais e, conseqüentemente, à formação de nossa cidadania.

Cabe, aqui, discutir o sentido da palavra cidadania. O termo deriva de “civitas”, que em latim significa cidade. De acordo com Ximenes (2000, p.170): “cidadania é a condição de cidadão” e “cidadão é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”. A cidadania vincula-se à construção de uma consciência crítica, política e social do indivíduo. A cidadania expressa um conjunto de direitos que confere à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de “inferioridade” dentro do grupo social.

Pensando desse modo, a leitura oferece portas abertas durante o processo de formação do cidadão e, conseqüentemente, na construção social da cidadania, uma vez que através dela o indivíduo amplia a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global, de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país. Formar o cidadão não significa apenas “preparar um consumidor”; significa, isso sim, capacitar cada um para a tomada de decisões e para uma escolha informada em todos os aspectos de sua vida em sociedade.

O que se exige é o acesso à informação e ao conhecimento e a capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar cegamente pelo poder econômico ou político. A rede mundial de computadores, interligados por meio de programas especiais, servidores e provedores de acesso, oferece serviços de e-mail, acesso a “sites” diversos, “download” de programas, educação a distancia etc. Com a universalização do acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs), surgiu um novo paradigma global no qual o acesso aos serviços informacionais tem se tornado, cada vez mais, condição necessária para inserção social dos indivíduos como cidadãos.

Vale ressaltar que a maioria dos conteúdos informacionais disseminados diariamente via internet são prioritariamente documentos escritos e, por isso, requerem do leitor um



mínimo de conhecimento linguístico e textual para ter acesso a eles. Isso torna ainda mais evidente a importância da leitura como prática social no processo de construção social da cidadania.

### Considerações finais

Pretendeu-se, ao elaborar este trabalho, justificar teoricamente o projeto “Asas para voar” e estimular que cada munícipe usufrua da leitura durante sua vida. Tratou-se de proporcionar um trilhar em busca de descobrir e vivenciar novos mundos, procurando sanar, através da leitura e da escrita, as dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar e familiar.

Ler e escrever não é, portanto, apenas uma questão de domínio do sistema da língua, mas de participação no processo dialógico, interlocutivo, que permite a recuperação, atualização e realização de textos marcados pelas variadas experiências culturais que nos circundam (CITELLI, 1994, p. 49).

A leitura é um processo que envolve a compreensão crítica do ato de ler, não esgotando-se na decodificação pura da palavra escrita.

É justamente nesse despertar do desejo pela leitura que se está buscando difundir o prazer no ler e no aprender:

Nessa mesma direção, os estudos de Ferreiro e Teberosky (1987) sobre o processo de construção da leitura e da escrita vêm fornecer subsídios para um novo olhar que se contrapõe a essas abordagens tradicionais de alfabetização, uma vez que faz considerações a respeito da gênese da lecto-escrita, apresentando a relevância desses conhecimentos para a criança [...] (BOLZAN, 2007, p. 65).

A leitura e a escrita devem ser atos de prazer, pois assim serão internalizados e compreendidos, “saboreados como a mais gostoso chocolate”, e não apenas como uma leitura mecanicamente memorizada ou “engolida”. Espera-se que todos cidadãos possam fazer uma viagem através da leitura, abrindo-se portas e outros mundos.

### Referências

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOLZAN, Doris P. V. **Leitura e Escrita**: ensaios sobre alfabetização. Editora UFSM, Santa Maria- RS. 2007



CITELLI, Adilson. O Texto argumentativo. São Paulo: Scipione, 1994.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KUFAMAN, Ana Maria Rodrigues. **Escola, leitura e produção de texto**. Tradução de Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAJOLO, Heloisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1995.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto - leitura & produção**. Cascavel: Educativa, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2000.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

XIMENES, Sergio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ediouro, 2000.

ZIRALDO, Alves Pinto. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1980